

Os macaquinhos da  
**bodega de Moscou**

SERGUEI TCHERNOV

Os achados arqueológicos dos séculos XVII-XVIII, provenientes da Europa e da América, em parte considerável, têm um caráter internacional. O processo de interpenetração das culturas que se manifestou na importação, em influências diretas e na ação indireta dos impulsos culturais, desenrolou-se em linha ascendente desde o século XV ao XVIII. Em meados do século XVIII o mundo das grandes descobertas geográficas, do comércio transcontinental e dos Estados da “velha ordem” adquiriu o caráter de sistema estável sobre o qual ainda não haviam exercido influência a revolução industrial e os cataclismos revolucionários.

Na Rússia esta época abarca quatro gerações. Até o fim do século XVII, no desenvolvimento do país tinha papel dominante o princípio da autarquia. Pedro, o Grande (1689-1725) que, na expressão de um diplomata estrangeiro da época, “abriu uma janela com vista para a Europa”, realizou reformas que presentemente costuma-se considerar como o primeiro exemplo de modernização. As reformas de Pedro, o Grande, não apenas levaram a criação de um sistema político, de um exército e marinha de padrão europeu, como também exerceram profunda influência sobre a cultura de Rússia e o modo de vida do seu povo. Nos reinados de Pedro, o Grande, Catarina I (1725-1727), Pedro II (1727-1730) e Anna Ioanovna (1730-1740), afluíram para a Rússia especialistas, tecnologias e influências culturais ocidentais. No reinado de Elisaveta Petrovna (1741-1761) alcançou-se uma combinação racional dos aspectos internacionais e nacionais no sistema político e na política cultural do país. Esta tendência consolidou-se no reinado de Catarina II (1762-1796).

Foi na nova capital, Petersburgo, que as influências ocidentais se manifestaram de modo especial. Na época das reformas de Pedro, o Grande, Moscou era tida como depositária das tradições nacionais e uma espécie de antítese a Petersburgo. Cabe notar que uma tal conclusão é apenas parcialmente justa. Simplesmente, em Moscou, a assimilação das influências ocidentais era mais lenta, sendo porém mais orgânica.

Até hoje pela ciência é aproveitada parte insignificante dos dados arqueológicos capazes de refletir as mudanças no modo de vida dos moscovitas no fim do século XVII e no século XVIII. Existe, entretanto, um valioso material que lança luz sobre o assunto que me interessa. Trata-se dos materiais das escavações arqueológicas realizadas em Moscou em 1989, na Praça Vermelha. No curso destas pesquisas foram estudados os restos da construção conhecida na literatura especializada como “Raskat”. Este é constituído por diversas vendas e uma bodega que funcionaram de 1636 a 1788.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Os trabalhos foram realizados pela expedição arqueológica de Moscou do Instituto de Arqueologia da Academia de Ciências da URSS. Vede: Tchernov S.Z. Relatório da expedição arqueológica de Moscou sobre escavações arqueológicas em

O “Rascat” localizava-se bem no centro de Moscou, na parte sul da atual Praça Vermelha (des.1). Era propriamente este local, situado entre a porta Spaski do Kremlin de Moscou, a igreja de São Basílio e os quarteirões do “Kitai-gorod”, que no século XVII tinha o nome de “Praça Vermelha”. Apenas posteriormente esta nome estendeu-se a todo o espaço ora ocupado pela praça.

No centro da praça, nos anos de 1597-1598 foi erigida uma espécie de pódio de pedra, chamado “Lóbnoie Mésto”, de onde eram lidos aos moradores de Moscou os ucasses dos czares. Ali tinham lugar também cerimônias religiosas. Em particular, era para o Lóbnoie Mésto quo se dirigia a procissão que imitava a entrada de Jesus em Jerusalém. Durante estas procissões, descritas por mais de uma vez por viajantes estrangeiros no século XVII, o czar conduzia pela rédea o cavalo cavalgado pelo patriarca (Des.1).

### Testemunhos de Fontes Escritas

Pelas fontes escritas conhecemos bem a história do “Raskat”.<sup>2</sup> Foi edificado em 1636 por Ivachka Tiuka “tributário do arrabalde Srétenski” que o arrendou. A localização do edifício era assim determinada: “sob os grandes canhões junto ao Lóbnoie Mésto”. A fonte comunica que Ivachka “sob os canhões fez uma cava de pedra e uma câmara-depósito de 10 braças de comprimento por 8 de largura. E, em torno da cave e do depósito, 22 vendas de pedra”. O preço do arrendamento foi estabelecido em 5 rublos anuais. Em 1651 o tributo foi aumentado em três vezes, o que pode ser explicado pelo rendimento que dava este estabelecimento comercial. Em 1655 Ivachka Tiuka faleceu sem deixar herdeiros e “a cava, mais os depósitos e as vendas passaram ser propriedade dos soberanos, sendo alugados para fins de comércio”. Manteve-se esta situação até 1688, data do documento citado<sup>3</sup>.

Vista geral da construção apresenta-se em dois desenhos do album de Augustin Meyerberg (1622-1688), diplomata austríaco que visitou Moscou em 1661-1662.<sup>4</sup> Um desenho mais detalhado mostra a Praça Vermelha durante os festejos da entrada de Jesus em Jerusalém (Des.2). Nele vemos uma construção que se eleva acima do nível da praça, tendo a altura de um andar. Em seu telhado estavam dois (ou mais) canhões enormes. Junto aos mesmos, vemos também no desenho cinco boiardos moscovitas e pelo menos vinte estrangeiros que assistem ao préstito festivo. A construção tem 8 arestas e sua parte mais comprida estende-se ao longo do eixo da praça. Nesta parte longa vêem-se 6 arcos com nichos (petchura), correspondendo cada um deles a uma venda. A cobertura das partes laterais apresenta águas, sendo horizontal na parte central.

Os livros de tributos de 1736-1745 referem-se às “vendas sob os grandes canhões”, citando os diferentes recintos da construção. Por cada um dos recintos cobrava-se um aluguel à parte: 11 vendas na construção de pedra do neto de Piotr Gúriev”, “duas vendas de pedra alugadas” e “uma cava com dois recintos-nichos”.<sup>5</sup> Vemos assim que no referido período, além do estabelecimento comercial, ali funcionava uma bodega.

Moscou e na região de Moscou, em 1989 // Arquivo do Instituto de Arqueologia de Academia de Ciências de Rússia. Vol.1-14. D. 1415-1418. Nas escavações tomaram parte L.A.Beliáiev, I.A.Boitsov, N.A.Krenke, S.Z.Tchernov. Breve informação: J.Rettle. Digging where Pushkin stepped // The Gardian. 19.07.1989. P.24.

<sup>2</sup> Os materiais foram coletados pelo colaborador da expedição G.A.Pavlóvitch.

<sup>3</sup> Atas históricas coletados e publicadas pela Comissão Arqueográfica. Vol.5, Petersburgo, 1842, N 158, P. 273.

<sup>4</sup> Album de Meyerberg. Vistas e quadros da vida da Rússia do século XVII. Vol.1, 2. Moscou. 1903.

<sup>5</sup> Zabélin I.E. Materiais para a história, arqueologia e estatística da cidade de Moscou. Parte 2. Moscou, 1891, P. 1292, 1367, 1368.

<sup>6</sup> Palestras na Sociedade de História e antiguidades da Rússia. 1914. Livro 4. P. 647.

Documento datado de 1747 evidencia que dois anos antes havia sido “ordenado que fosse retirado um grande canhão que se achava sobre as abóbadas de duas cavas-fartinas no Kitai-gorod, pois sendo de grande peso, danifica as abóbadas e paredes”. E assim foi feito.<sup>6</sup> É muito provável que no Raskat estava o Canhão rei, com a boca voltada na direção da ponte Moskvorétski sobre o rio Moscou. Em tempos idos no lugar da ponte havia um passadouro. Por ele atravessavam o rio os bandos tártaros que realizavam incursões a Moscou até 1594. Na segunda metade do século XVII e no século XVIII este canhão era puramente decorativo.

Em 1786-1787, ao ser dado novo traçado à Praça Vermelha, o Raskat foi desmontado.

Nas fontes do século XVIII não figura o nome da bodega-fartina, mas na década de 1840 os velhos moscovitas recordavam-na, chamando ora de bolega “Sob o Canhão”, ora de “Círio Indelével”. Este último nome era explicado pelo fato de que ali se reuniam integrantes do coro de igreja.<sup>7</sup>

### **Aspecto da bodega segundo dados de pesquisas Arqueológico-Arquitetônicas**

Os alicerces do Raskat foram descobertos durante os estudos arqueológicos realizados na Praça Vermelha em 1988-1989, por ocasião dos reparos que ali se fizeram no calçamento e nas linhas subterrâneas de fornecimento de água, etc. Em 1989 os trabalhos foram realizados no território da ladeira Rázin, na zona da vala aberta para o conduto de águas que se transformou em escavação arqueológica.

Segundo revelaram os estudos arqueológico-arquitetônicos<sup>8</sup>, a escavação coincidiu com a parte ocidental do monumento (Des.3). Ela pôs à mostra a parede ocidental do recinto central (recinto N 1) e, junto a ele, 9 pequenos recintos (N 2-13). A área total da construção era de 18 por 23,5 ms. O recinto central tinha um profundo porão que se conservou e foi examinado. Suas paredes eram de blocos de pedra branca lavrada (80-100 por 30-35 cms) e tinham três nichos em cada um dos lados mais longos. Os nichos apresentavam abóbadas planas (135 por 160 por 95 cms) e vãos para três prateleiras, abertos na pedra. Fechavam-se com portas de madeira de duas folhas, fixadas em suporte de ferro (conservaram-se na alvenaria). O assoalho do porão era, pelo visto, de madeira, o que contribuiu para que ali se depositasse grande número de achados. Este porão é interpretado como sendo a cava a que se referem os documentos de 1736-1745.

Os recintos menores, anexos ao central, eram de tijolos, tendo só um andar, sem porão. Neles podemos reconhecer as vendas que funcionaram de 1636 a 1786. O Raskat era coberto de telhas vermelhas, cujos fragmentos se conservaram. Não havia comunicação entre as vendas e o recinto central. Todo o conjunto foi edificado simultaneamente no século XVII.

A estratigrafia do monumento é muito simples. Depois da demolição do primeiro andar, os restos dos materiais de construção, juntamente com os objetos que se depositaram no período de funcionamento, encheram o porão e os vãos entre as paredes das vendas que não foram destruídas até a base. Logo depois desta demolição, em 1804, a Praça Vermelha foi calçada com gobos (este calçamento evidenciou-se na escavação). O calçamento cobriu o que havia ficado do Raskat impediu a penetração ali de materiais posteriores. Assim sendo, chegou às nossas mãos o material depositado entre 1636 e 1786. Trata-se de 20% dos objetos que foram atirados fora ou perdidos durante os 150 anos de existência das vendas e de pelo menos 50 anos de existência da bodega (“cava”).

### **Serviço de mesa**

O “enchimento” dos recintos 1 a 13 era homogêneo, consistindo de migalhas de tijolo com cal. A cerâmica e os achados foram assinalados por camadas. Mas a comparação do material tomado do nível superior e do inferior, veio mostrar que é idêntico. Apresenta maior interesse a comparação entre os achados do porão e das vendas.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Pryjov I.T. História das bodegas na Rússia. Moscou, 1913 (reprint Moscou, 1991).

<sup>8</sup> Os estudos foram realizados por L.A. Beliáiev.

No local do Raskat foram encontradas 136 moedas (56 no porão e 80 nas vendas). São raras as moedas de prata do século XVII. As moedas pertencem de um modo geral à época do reinado de Pedro, o Grande, Anna Ioánovna, Elizaveta Petrovna e Catarina II. As mais freqüentes são as dos anos de 1731, 1737, 1738, 1739, 1753.

A arrumação da bodega e das vendas era muito simples. Não ficou claro se havia fogão na câmara central e no porão. No século XVII provavelmente não havia. Foi encontrado apenas um ladrilho deste período (Des. 10, N 601). No século XVIII já existiam ali lareiras. Foram achados ladrilhos multicores de dois fogões do segundo quartel ou da metade deste século (Des.10, N 339, 536, 591 e N 338,430,442,462,530), bem como dois ladrilhos simples de data posterior (Des.10, N 476,577). Inicialmente as janelas das vendas eram de mica (moscovita), cujas finas camadas eram usadas no século XVII em Moscou em vez do vidro. No século XVIII este material foi substituído pelo vidro, fragmentos do qual foram encontrados tanto no porão (135), como nas vendas (60).

Que louça era usada neste restaurante de Moscou? No "enchimento" dos recintos 1-13 foram recolhidos mais de 33 mil fragmentos de cerâmica: 23.473 no porão (recinto N 1) e 9.739 nas vendas (recintos N 2 a 13). Concluiu-se que, durante a existência deste estabelecimento, foram quebradas não menos de 5 mil vasilhas diversas. Na sua maioria a cerâmica é do serviço de mesa. Metade do material é constituída por cerâmica negra e lustrosa. Trata-se de potes, copinhos e tigelas. Era amplamente usada a cerâmica de barro branco e róseo. Há ainda castiçais e vasilhas de barro vidrado. São poucos os utensílios de cozinha.

Para determinar o período de atividade mais intensa da bodega-fartina, comparemos a composição tipológica da cerâmica do Raskat e da que foi encontrada no conjunto situado na parte oposta da Praça Vermelha onde se realizaram escavações em 1994 (em anexo). Esta cerâmica provém do "enchimento" da vala de esgoto de paredes reforçadas, localizada nas proximidades da porta Voskrecénski, tendo sido datada pelas moedas ali encontradas (1718-1724). A comparação mostra que os principais tipos da cerâmica aí representados existem também no "Raskat". Conclui-se que em 1710-1720 a bodega estava em plena atividade. Não são muitos os exemplares da cerâmica do século XVII encontrados no "Raskat" e inexistentes na vala de esgoto. No "Raskat" são em bem maior número do que nesta última escavação os exemplares de cerâmica negra lustrada e em menor número os de barro branco. No "Raskat" encontra-se também cerâmica vidrada de época posterior (maiólica) que inexistente no conjunto de 1718-1724. Isto vem mostrar que parte considerável do material do "Raskat" depositou-se depois da década de 1720, no segundo e terceiro quartel de século XVIII, quando os artefatos de barro branco iam caindo em desuso. Cabe notar ainda que no "Raskat" foram achados poucos objetos de faiança (57 fragmentos) e de porcelana (25 fragmentos), materiais que passaram a ter uso corrente nos serviços de mesa das famílias abastadas apenas em 1780 e anos seguintes.<sup>9</sup> Podemos concluir pois que a maior atividade da bodega corresponde ao período que vai do fim do século XVII ao terceiro quartel do século XVIII.

Os artefatos de vidro são numerosos e característicos, o que é natural para uma bodega com cava. Destacam-se copinhos de vidro fosco, verdes ou marrons, com fundo grosso ou com uma espécie de suportes festoados (Des.5,A, N 422). Copinhos análogos, nos quais se tomava vinho, são encontrados na Ucrânia e na Bielorrússia. Foram encontrados ao todo 818 fragmentos de vasilhas de vidro (542 no porão e 235 nas vendas). Foi achada também uma grande quantidade de cacos de garrafas de formas diversas (466 no porão e 295 nas vendas). Havia ainda fragmentos de vidro com desenhos (Des.5, N 360). A julgar pela marcação, a bodega tinha vinhos em garrafas importadas (marca "London" no des. 5, N 522), bem como em garrafas fabricadas na Rússia (marcação no des.5, N 414). Algumas das bebidas eram

<sup>9</sup> A distribuição dos achados pelos diferentes recintos é a seguinte: N 303 - 472 no recinto 1 (porão); N 473 - 508 no recinto 5; N 513 - 564 no recinto 8; N 565- 610 no recinto 10; N 611 no recinto 11, N 613 - 632 no recinto 12.

<sup>10</sup> Sipovskaia N. Porcelana na Rússia do século XVIII // Porcelana russa. 250 anos de história. Moscou: Avangard, 1995. P.15,16.

servidas em vasilhas de cerâmica vidrada de fabrico ocidental. Conservou-se a marcação com a inscrição "Balsam" e com a data de "1785" e a letra "S", bem como marcação idêntica, mas sem data (Des.8, A, N 528,337).

### O menu da "fartina"

A camada cultural da "fartina" e do espaço circundante estava literalmente recheada de espinhas de peixe. Um exame especial dos restos das mesmas<sup>11</sup> foi realizado separadamente no que toca a "fartina" e à zona comercial que a circunda, bem como aos quarteirões da cidade. Este exame mostrou traços comuns e diferenças no menu do restaurante e dos quarteirões comuns da cidade. As espécies de peixes dominantes na mesa dos moscovitas no segundo e no terceiro quartel do século XVIII eram o siluro, a perca e o acipêncer. Comia-se também a brema, o lúcio, a beluga (espécie de esturjão) e o esturjão. Todos estes peixes (fora o sazan, espécie de carpa) eram servidos também na "fartina". Entretanto só ali podiam provar os peixes mais finos no sentido gastronômico, tais como o salmão do Cáspio, o salmão branco e o solho-rei. No material colhido nas escavações arqueológicas aparecem espinhas (principalmente de siluro, mais raramente de beluga) talhadas a machado. Pela disposição dos talhos pode-se julgar como era talhado o peixe. Cortava-se a cabeça dos peixes grandes e depois o corpo era partido em grandes pedaços que, por sua vez, eram divididos ao meio, ao longo da espinha dorsal.

### Os fregueses da "fartina"

Nos copos de vidro fosco bebiam seu vinho homens que usavam armas de fogo com espoletas de pederneira. A pederneira é encontrada por toda a parte, predominando no porão (19 fragmentos no recinto 1 e 3 fragmentos nos recintos 2 a 13 - Des.7,A). Estes homens fumavam cachimbos com boquilhas de barro (Des.8, B), usavam botas (Des.9, N 464, 624,625) e o seu "kamzol" (vestimenta) (tecido de lã - v. Des.5,C, N 333) era ornado de numerosos botões de cobre e de bronze (Des.6, A). Às vezes estes botões eram arrancados juntamente com os colchetes nos quais se fixavam (Des.6, N 381). Podiam arrancar também a cruz pendente da corrente ao peito, junto com a cruz saía também a argola que a prendia (Des.6,B, N 427). Como casos individuais que fazem parte deste contexto, podemos assinalar um gancho de osso em forma de cisne (?) que se utilizava para nele colocar o látego-"nagaika" (Des.9, N 202 a).

Constatamos porém que a bebida e os jogos de azar (v. dado - Des.5,D, N 93) não eram as únicas ocupações dos freqüentadores desta bodega. Foram encontrados ali dois tinteiros de cerâmica verde vidrada no estilo de Moscou antiga, típicos para o século XVII (Des.8, C. N 570, 579). Isto mostra que as mesas da "fartina" serviam também para se escrever uma carta ou um documento.

Junto à cava, nas vendas prosperava o comércio. Quebravam-se os selos de chumbo (Des.9,B, N 418) das mercadorias compradas por atacado e estas eram ali vendidas a varejo. Foram achadas contas de colar, miçangas (Des.5,B) e um dedal (Des.6, D), o que mostra a presença de mulheres. A das crianças é testemunhada por fragmentos de brinquedos e de uma gaitinha de barro (Des.8,D, N 419, 466, 605).

<sup>11</sup> A análise foi realizada por E.A.Tsépkín, doutor em ciências biológicas.

<sup>12</sup> Archeologia urbana a Roma: il progetto della Crypta Balbi.2. Um "mondezzaro" del XVIII secolo. Lo scavo dell'ambiente 63 del Conservatorio di S.Caterina della Rosa / A cura di Daniele Manacorda. Firenze. 1984. P.157, N 299.

<sup>13</sup> Ibidem. Pág.157, N 293.

<sup>14</sup> Ibidem. Pág.152, N 284.

<sup>15</sup> Ibidem. Pág.157, N 304, 305.

## Influências Ocidentais

Com grande grau de certeza podemos dividir em quatro grupos os objetos encontrados nas escavações da “fartina”. Ao primeiro, pertencerão os artefatos locais, feitos dentro das tradições da época anterior a Pedro, o Grande. Inclui parte considerável dos objetos de cerâmica, os tinteiros de barro (Des. 8,C), a moscovita das janelas (Des. 5, C), a cruz (Des. 6,B, N 427), grande parte das obras artesanais de ferro (Des. 9), brinquedos de barro (Des. 8, D) e o gancho de osso para prender o látigo-nagaika (Des. 9, N 220a).

Ao segundo grupo pertencem objetos fabricados, com toda a probabilidade em Moscou, mas que reproduzem modelos europeus da época. Este grupo de objetos evidencia-se facilmente ao se comparar o material moscovita ao conjunto dos achados do Abrigo de Santa Catarina em Roma, referente ao século XVIII, descobertos em escavações feitas sob a direção de Daniele Manacorda, durante a realização do projeto da “Crypta Balbi”. Trata-se, em primeiro lugar, de detalhes de trajes europeus que no século XVIII eram usuais entre a gente nobre: botões de vidro facetado, imitando brilhantes (Des. 5, B, N 469)<sup>12</sup>, abotoaduras de vidro (Des.6, C, N 586)<sup>13</sup>, fechos ovais de bronze (Des. 5, B, N 544)<sup>14</sup>, preguinhos de bronze para calçado (Des. 6, B, N 519)<sup>15</sup>. Têm seus análogos no material italiano os dedais (Des. 6, D)<sup>16</sup>, pentes (Des. 5, D, N 545)<sup>17</sup> e dados de jogar (Des. 5, D, N 393)<sup>18</sup>.

Pertencem ao terceiro grupo os objetos de importação. Entre eles: uma garrafa de vidro fosco com marcação que contém a inscrição “London” encimada por uma coroa (Des. 5, A, N 522), vasilhas de cerâmica vidrada com marcação que traz a inscrição “Balzam” (Des. 8, A). E finalmente, ao quarto grupo pertencem objetos que tinham por modelo artefatos ocidentais, mas acrescidos de elementos tipicamente russos. Como exemplo podemos citar o garrafão de vidro com marca na qual figura a letra do alfabeto russo “fita” que não existe no alfabeto latino e as letras “C” e “B” encimadas por uma coroa (Des. 5, A, N 414).

## O macaquinho de brinquedo

Destaca-se de modo especial um achado único para Moscou. Foi feito no recinto 10 que corresponde a uma das vendas do “Raskat”. Trata-se de um pequeno brinquedo de cerâmica, partido ainda nos tempos idos. Foram encontrados dois fragmentos do mesmo (Des. 4). Os dois fragmentos são de barro e passaram por cozedura sem acesso de oxigênio, o que comunicou à massa uma cor acinzentada. A superfície do brinquedo foi lustrada. O fragmento N 580 (47 por 50 por 53 mms) representa uma cabeça de macaco muito semelhante ao natural. O focinho e os maxilares do animalzinho avançam sensivelmente, os olhos são redondos, a boca larga e vê-se a pontinha da língua. O brinquedo é oco. O fragmento 568 nada é senão o rabo do macaquinho. O rabo é comprido (140 mms) e tem a ponta virada num ângulo de 90 graus.

<sup>16</sup> Ibidem. Pág.152. N 269.

<sup>17</sup> Ibidem. Pág.158, N 8.

<sup>18</sup> Ibidem. Pág.158, N 9.

<sup>19</sup> Darkévitch V.P. Cultura do povo na Idade Média. Moscou. 1988. Pág.44.

<sup>20</sup> Vede por exemplo: William Hogarth “Comediantes no Celeiro” 1738. O interesse pelos macacos no século XVIII pode ser ilustrado por um quadro notável: George Stubbs. Green Monkey. 1798 (R.Rosenblum, H.W.Janson. Art of the Nineteenth century. London: Thames and Hudson, 1984. Pág.58).

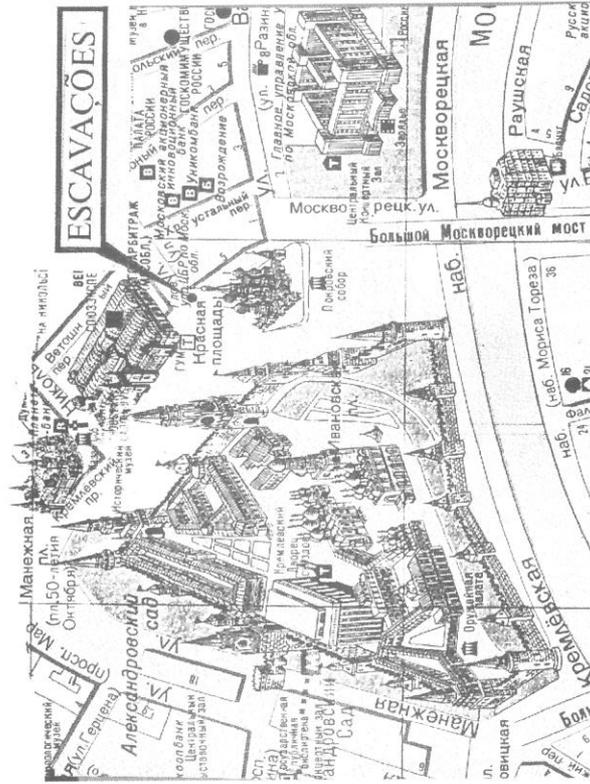
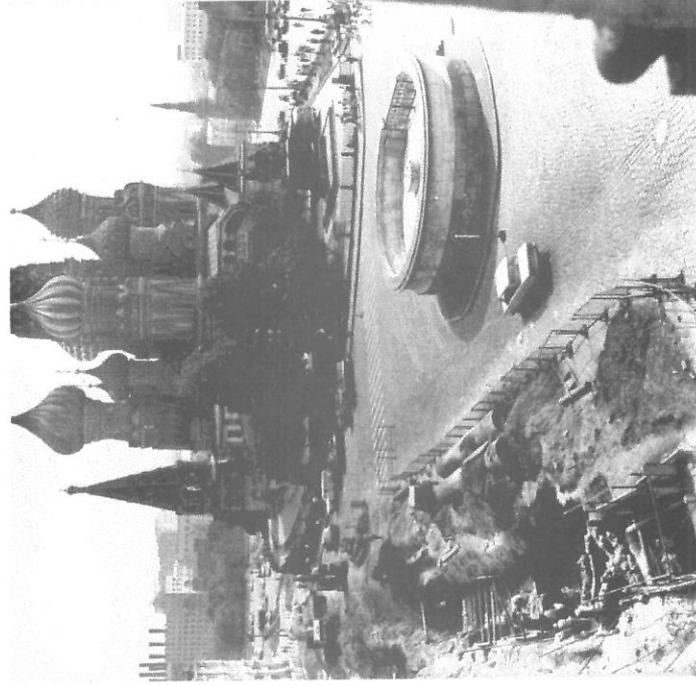
Na Europa Ocidental os macacos amestrados eram parte integrante dos espetáculos de diversão. No século XV os macacos sem rabo de África do Norte são substituídos pelos macacos com rabo, vindos da África tropical e da América do Sul<sup>19</sup>. Eles eram amplamente aproveitados nos espetáculos dos comediantes, o que é comprovado por numerosos desenhos e outros materiais referentes em particular ao século XVIII<sup>20</sup>. É de crer que a estatueta-brinquedo de Moscou representava exatamente um macaquinho amestrado. De qualquer forma, foi-nos dado ver um exemplar raro que testemunha a penetração na Rússia de objetos que refletem um mundo distante e exótico que se revelou aos europeus nos séculos XVI-XVIII.

tradução: Natalia Voinova

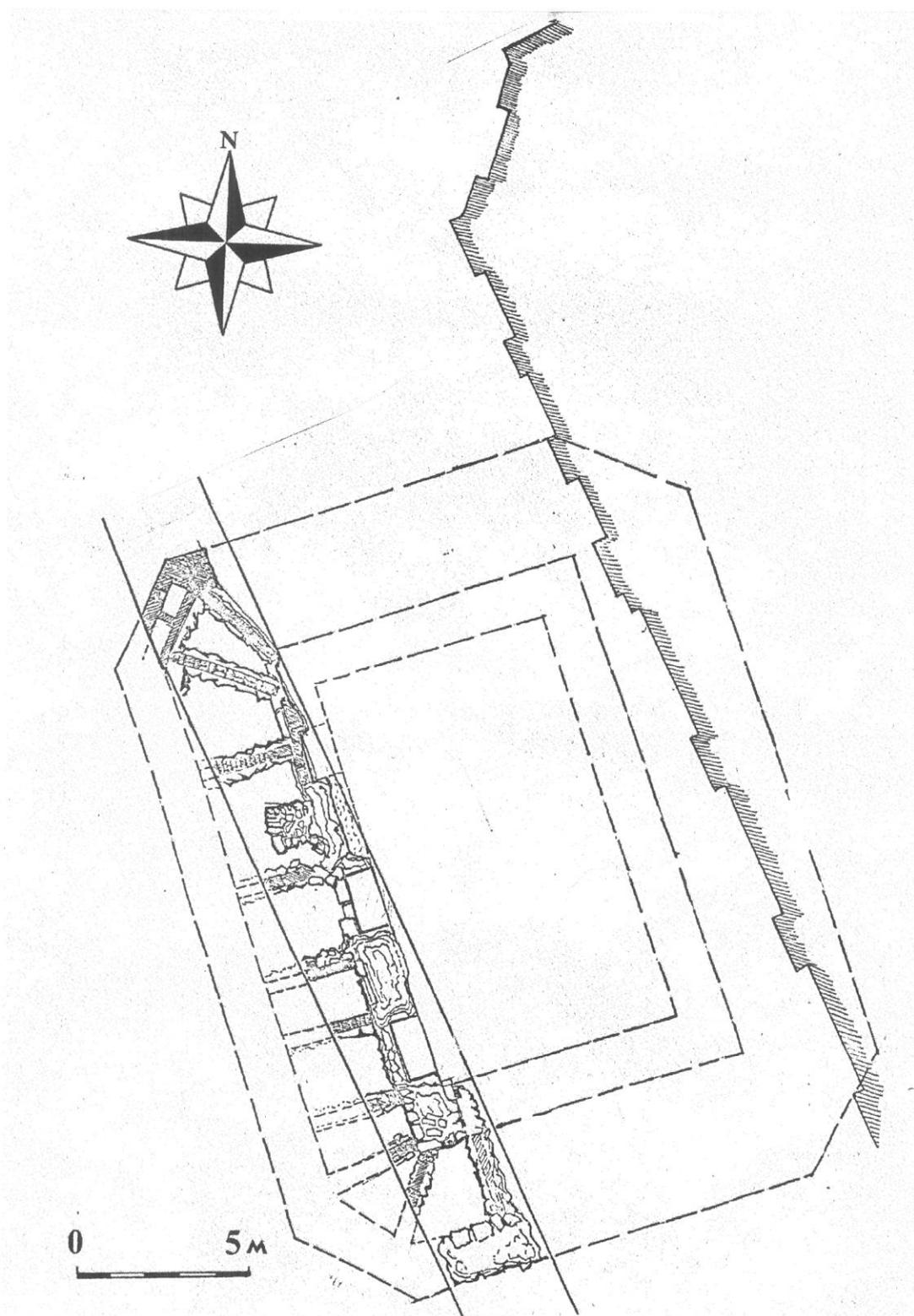
**COMPOSIÇÃO TIPOLOGICA (EM %) DA CERAMICA DO "RASKAT" E DA VALA SITUADA JUNTO À PORTA VOSKRECENSKI**

Composição tipológica da cerâmica	"Raskat" porão (recinto 1)	"Raskat" vendas (recintos 2 - 13)	Vala junto à porta Voskrecenski
Total	23473 frag.	9739 frag.	5595 frag.
<i>Cerâmica de século XIII - XVI</i>	2	2,56	5,58
Lustrosa de barro vermelho	<b>42,9</b>	<b>30,9</b>	<b>0,46</b>
Lustrosa de barro branco	0,8	3,36	0
"Angobirovannaia"	0,39	0,65	0,23
De barro branco	<b>6,7</b>	<b>10</b>	<b>46,7</b>
Lustrosa negra tipo 1	<b>3,4</b>	<b>6,62</b>	<b>9</b>
Lustrosa negra tipo 2	<b>8,5</b>	<b>12,8</b>	<b>16,9</b>
Lustrosa branca	1,5	2	1,78
Lustrosa róseo	<b>19,2</b>	<b>24,26</b>	<b>1,84</b>
"Corchagi" de barro branco	5	0	0,12
Vidrada verde	<b>0,6</b>	<b>0</b>	<b>14,81</b>
Vidrada (maiólica)	<b>7,2</b>	<b>5,9</b>	<b>0</b>
Lustrosa vermelha	0,7	0,57	1,8
Faiança	41 frag.	16 frag.	0
Porcelana	12 frag.	13 frag.	0

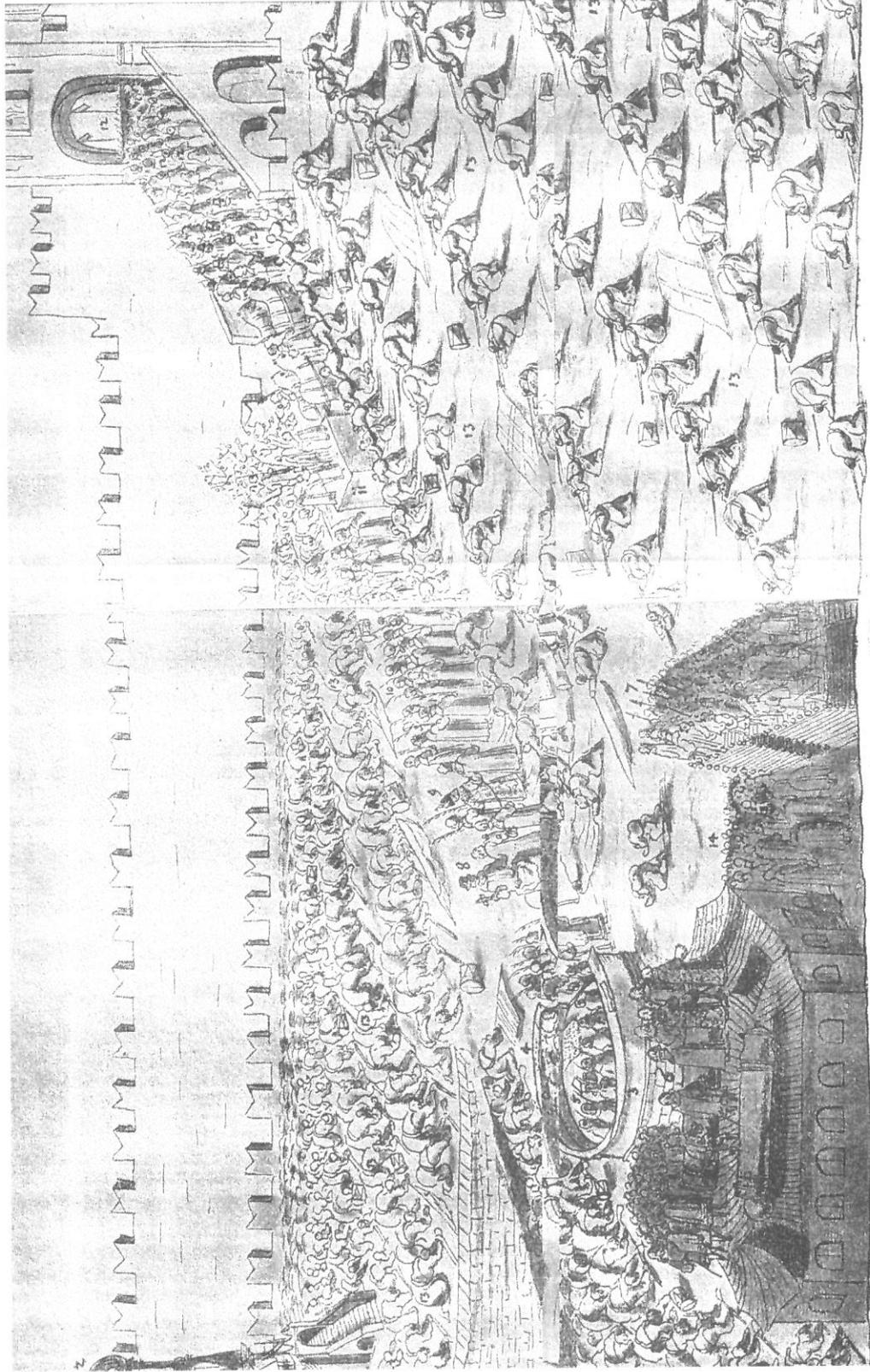
**Serguei Tchernov**, Instituto de Arqueologia da Academia de Ciências da Rússia.



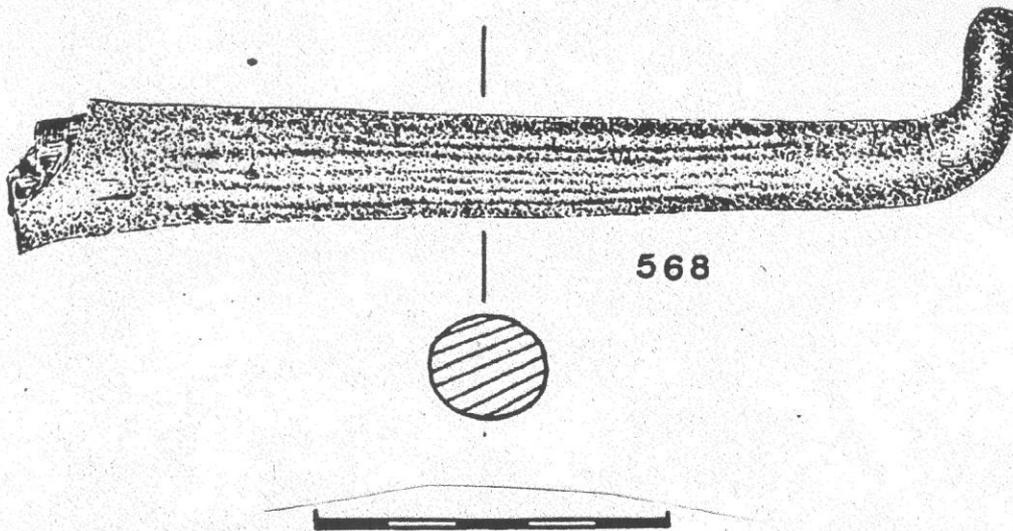
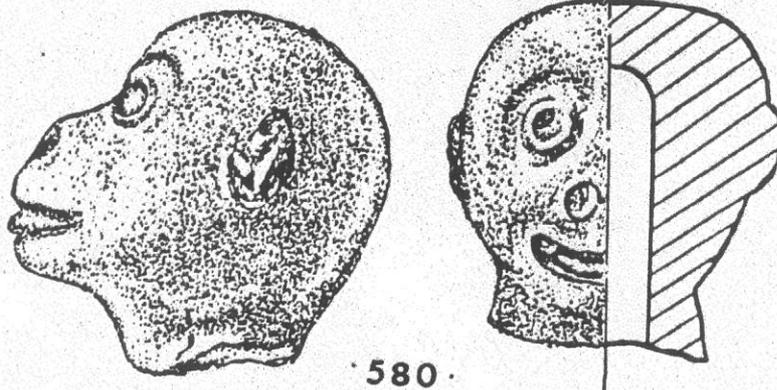
1 - Disposição do local das escavações do "Raskat" na planta do centro de Moscou e vista geral das escavações. Em primeiro plano, à esquerda, a escavação em que se vê a alvenaria do "Raskat", à direita, o "Lóbnoie Mesto". No fundo a igreja de São Basílio (1555-1561).



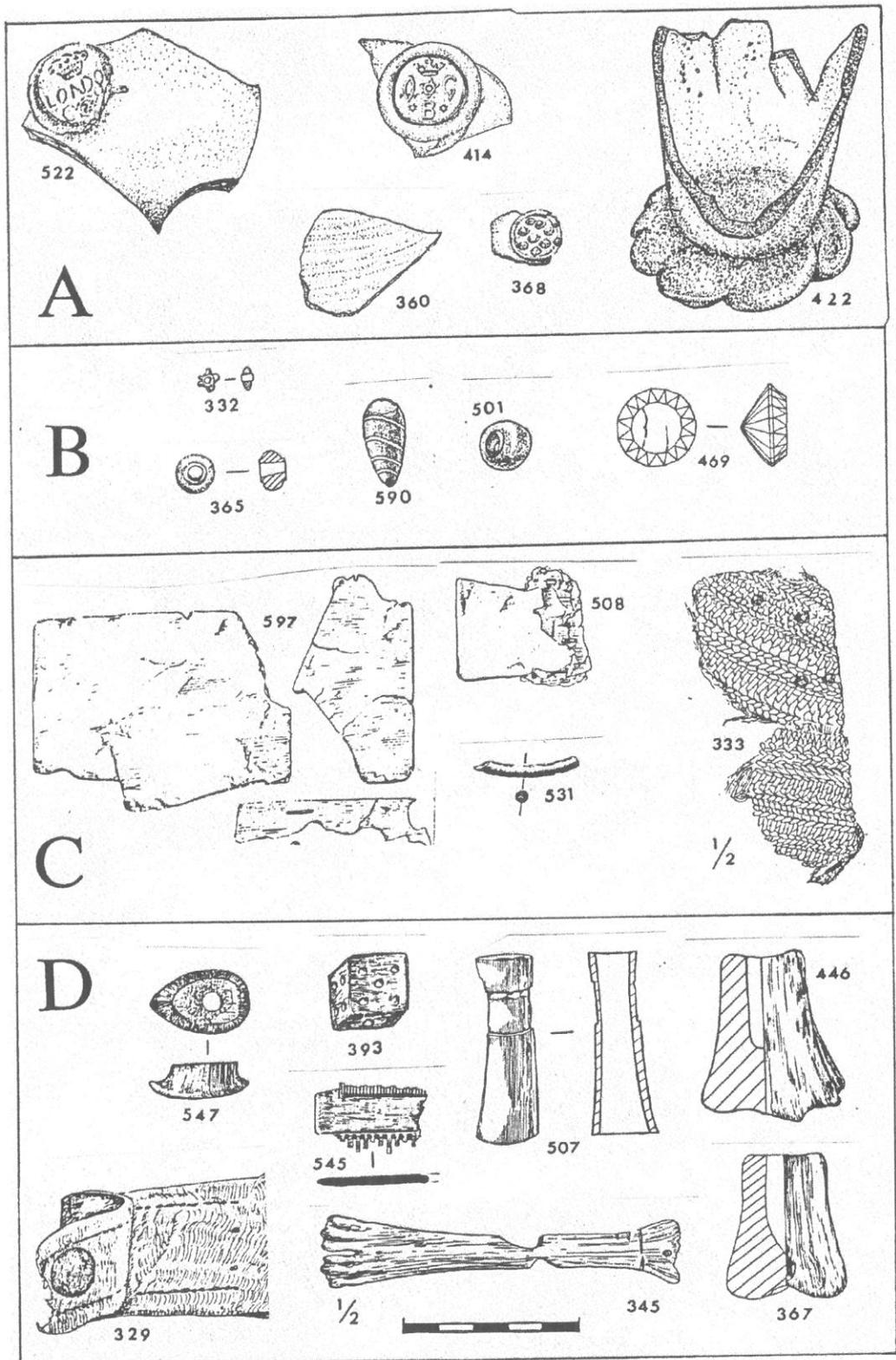
2 - Ruínas do "Raskat" descobertas no curso das escavações de 1989. As linhas contínuas mostram a parte da construção fixada por métodos arqueológicos, as pontilhadas indicam limites reconstruídos da mesma. À direita, as fileiras de vendas situadas na esquina da rua Ilinka e da ladeira Rázin.



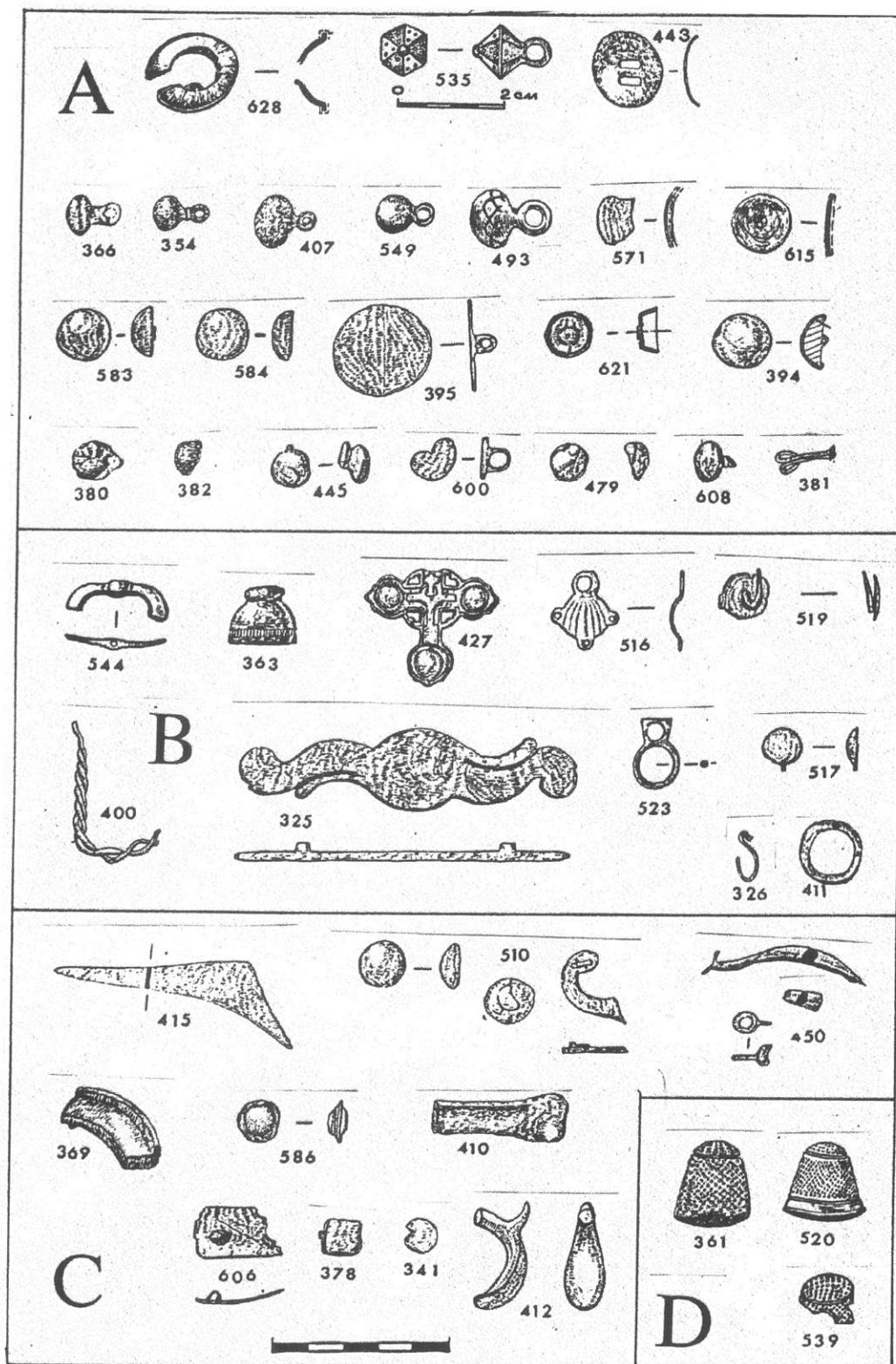
3 - O "Raskat", tal como esta representado no álbum de A. Meyerberg. 1661-1662.



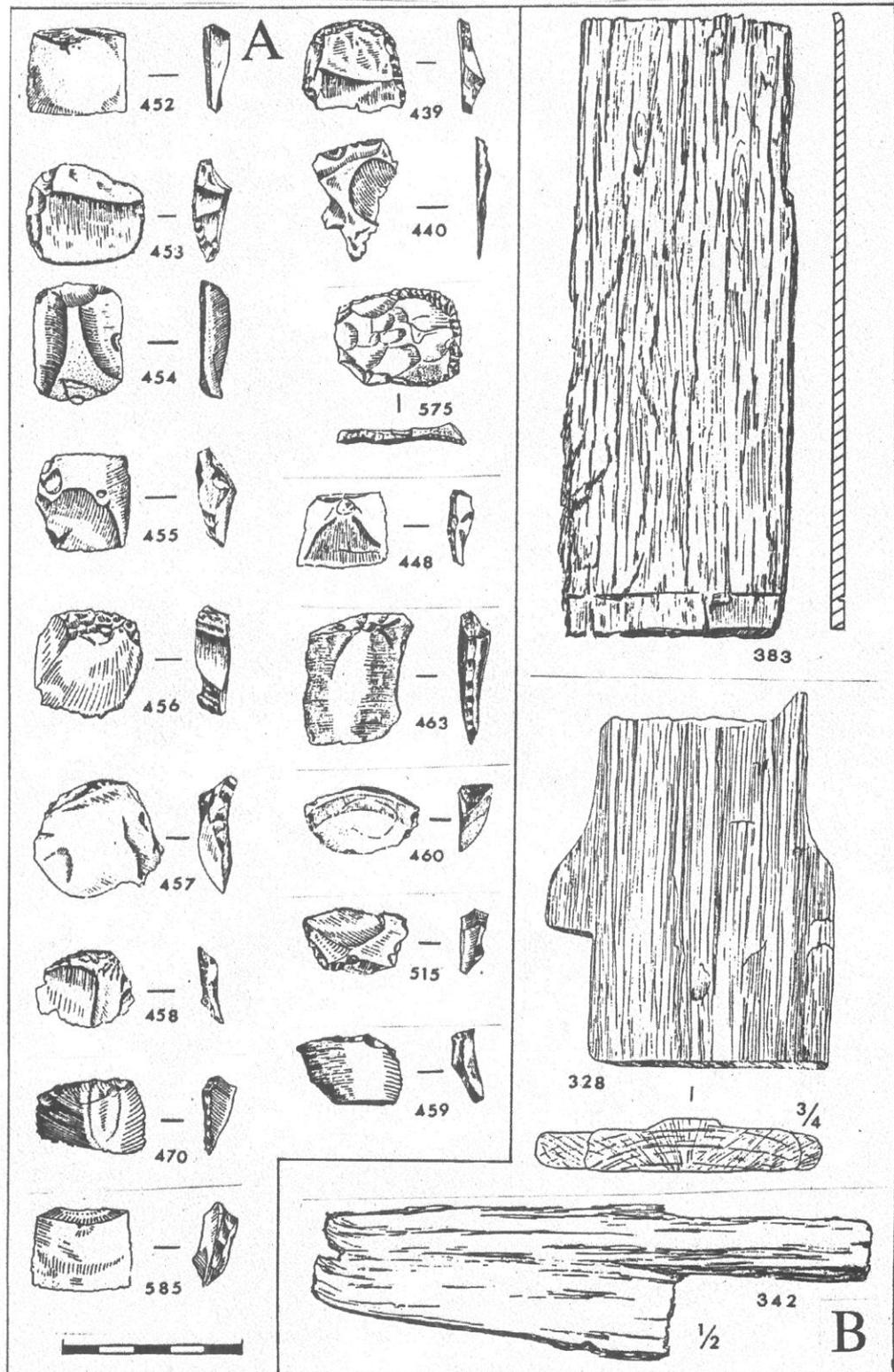
4 - Um brinquedo de cerâmica negra lustrada, representando um macaquinho.  
Do recinto 10 do "Raskat".



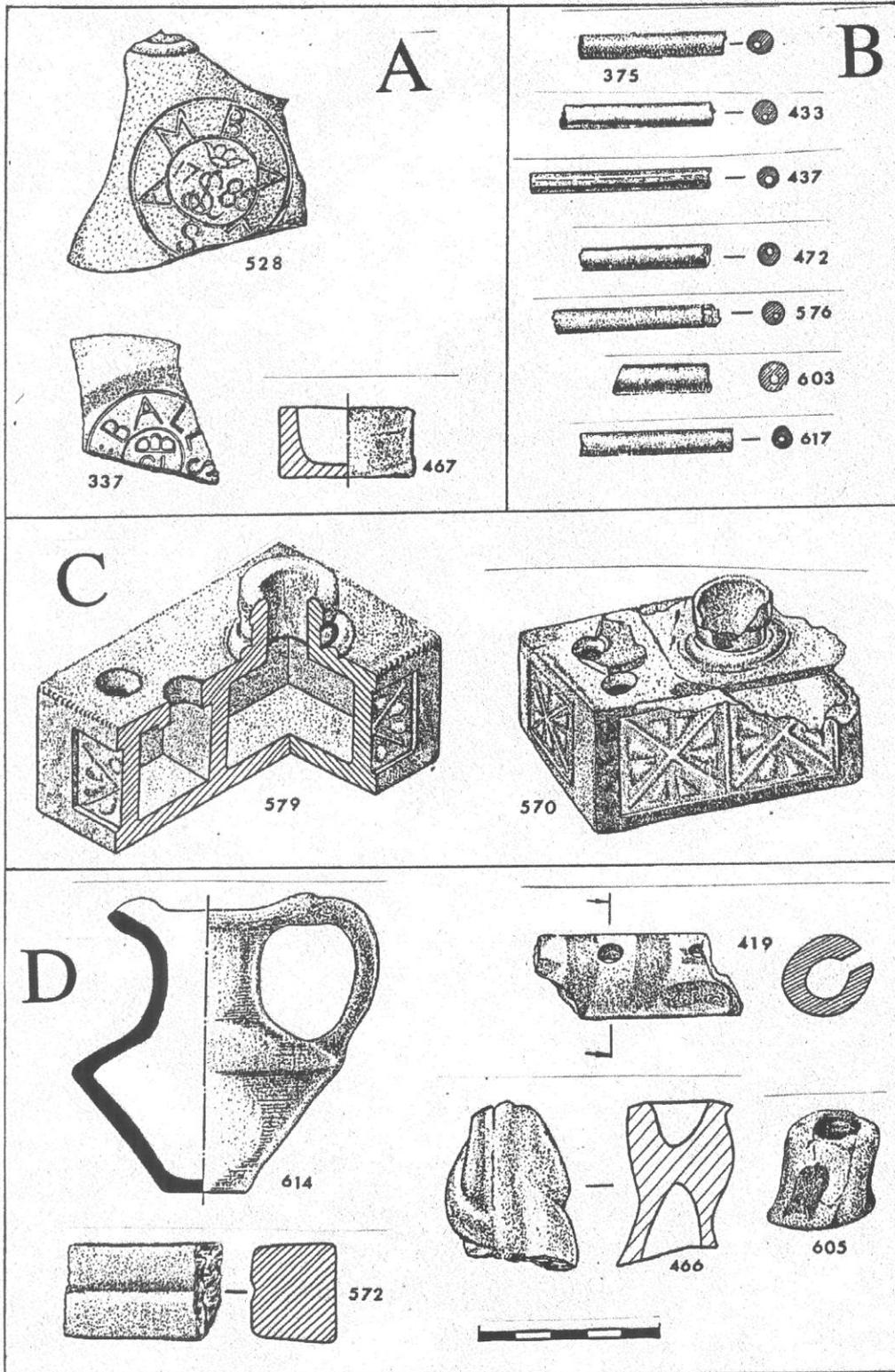
5 - Achados de vidro, osso e tecidos do "enchimento" dos recintos do "Raskat".



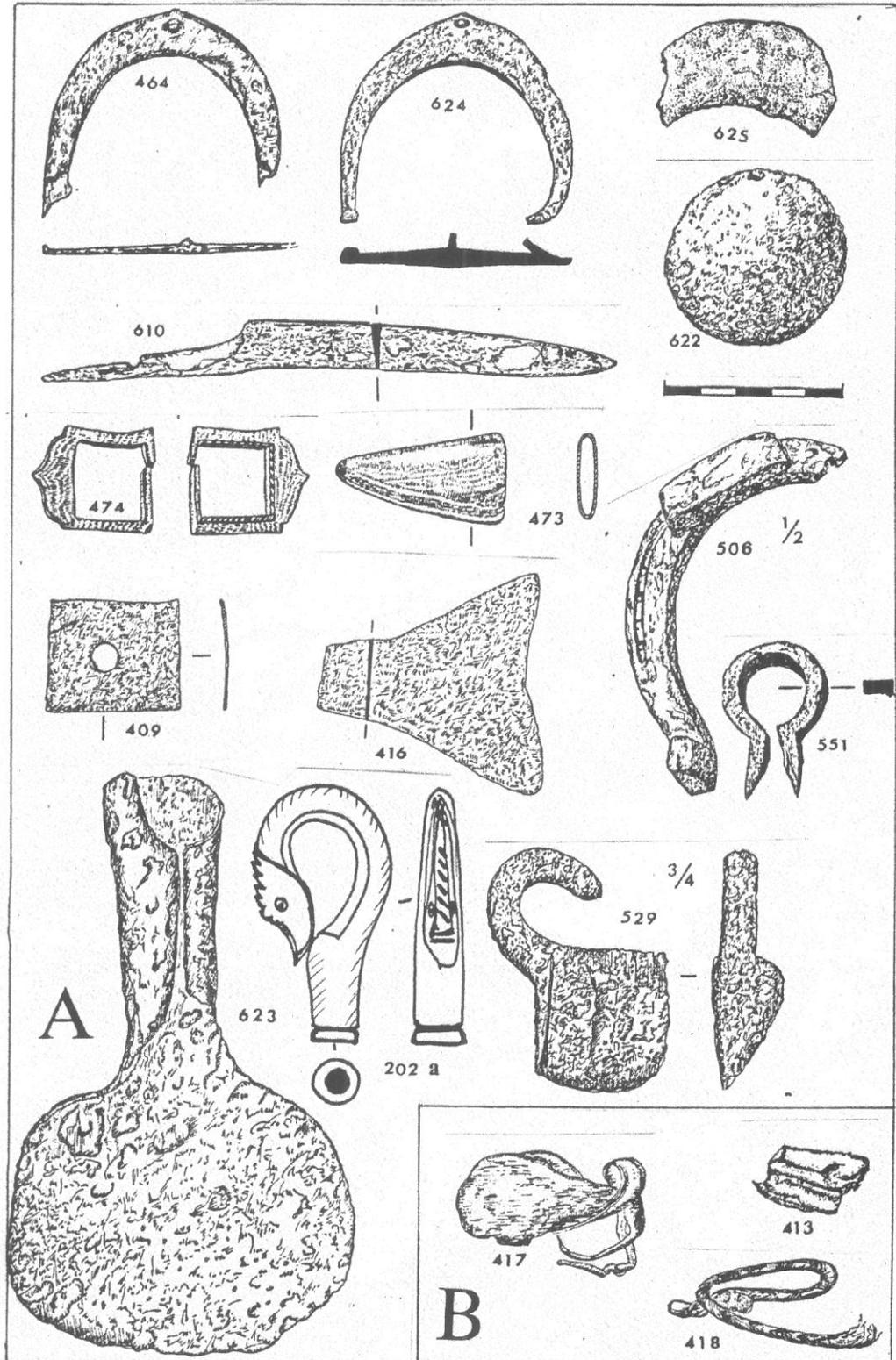
6 - Achados de bronze, cobre e ferro do "enchimento" dos recintos do "Raskat".



7 - Achados de pedra e madeira do "enchimento" dos recintos do "Raskat".



8 - Achados de cerâmica do "enchimento" dos recintos do "Raskat".



9 - Achados de ferro e chumbo do "enchimento" dos recintos do "Raskat".



10 - Azulejos de fogão do "enchimento" dos recintos do "Raskat".